

Textos Psicologia da Personalidade

1. “É quase tão difícil definir o conceito de *personalidade* como deveria ser reter alguém nas malhas da descrição/explicação que em torno desse conceito ousamos construir. Que é a personalidade? Uma autonomia, um distintivo, uma integridade, uma impressão digital? Com a mesma palavra, para tornar tudo mais complicado e indecifrável, brincamos às solenidades, fazemos discursos, citamos Pessoa (o Fernando) e os imortais (‘foi uma personalidade’)... Adjectivamo-la, habituados que estamos às classificações, às hierarquias, aos submissos e aos dominantes: ‘forte’ ou ‘fraca’, a personalidade confere um lugar na relação” (Calado, 1989, p.1).

“personalidade pode ser definida de forma a englobar praticamente todos os aspectos da vida e experiência humana”. Heatherton e Nichols (1994, p.4)

A palavra personalidade tem étimo latino, derivando de “*persona*”, que significa máscara de actor. O termo, no entanto, ao longo da sua evolução, foi adquirindo sentidos múltiplos. Nos escritos de Cicero, é usado com, pelo menos, quatro sentidos, todos eles relacionados com teatro: a personalidade como um conjunto de características pessoais do *actor*, que representam o que a pessoa realmente é; a personalidade, vista como a forma pela qual a pessoa aparece aos outros e não como realmente é e, neste sentido, equivale à *máscara*; o papel que a pessoa representa na vida, tal como o *personagem* num drama; a personalidade, encarada como um conjunto de qualidades indicativas da distinção e dignidade, que fazem do actor uma ‘*estrela*’. Por seu turno, Allport, em 1937, referia-se à existência de, pelo menos, cinquenta significados diferentes para o termo personalidade, optando por a considerar como uma organização dinâmica dos sistemas bio-sociais¹ que determinam a adaptação única do indivíduo ao mundo (Allport, 1937). Na perspectiva de Cattell (1965), a personalidade é um conjunto de traços, que predispõe o indivíduo a agir, de determinada maneira, num conjunto de situações.

Convencionalmente, as definições de personalidade excluem as diferenças físicas e, a maioria, as diferenças intelectuais, embora reconhecendo que ambas influenciam a personalidade e o comportamento dos sujeitos. Contudo, muitas teorias consideram o

¹ Os sistemas bio-sociais incluem traços, hábitos, motivos e valores, cujas diferenças individuais são parcialmente hereditárias e, parcialmente, resultado da aprendizagem e experiência (social). Estes sistemas estariam inter-relacionados (organizados), activa e dinamicamente, com o ambiente.

conjunto destes aspectos (físicos e intelectuais) como parte do constructo da personalidade.

Para Cook (1984), a diversidade de definições, ao nível da personalidade, justifica-se pela variedade de perspectivas, **funções** (para que é que se está a definir o constructo personalidade) e níveis de explicação que têm em vista. Outro factor explicativo da referida diversidade é a ênfase colocada, quer no estudo do **desenvolvimento**, quer no estudo da **estrutura** da personalidade.

Kimmel (1984) salienta as comunicações entre as definições das diferentes teorias. Desta forma, observa que, muito embora existam dezenas de definições de personalidade, a maioria engloba três aspectos principais da mesma, a saber, que a ela se refere:

- à **unicidade** do indivíduo, aquilo que o distingue de todos os outros;
- a um **conjunto de características estáveis**² e duradouras, ao longo do tempo e das situações;
- ao estilo característico de ligação/interacção entre o sujeito e o ambiente físico e social.

Porém, a ênfase atribuída a cada uma destas características depende da teoria/modelo subjacente.

Abrangente e pertinente é a proposta de McAdams (1990; 1994), inspirada em autores como McClelland, Hogan, e Cantor, e no seu trabalho sobre as narrativas das vidas humanas, que propõe que se deveria reflectir sobre a personalidade em termos de, pelo menos, três níveis paralelos. Os níveis teriam os rótulos genéricos de: a) traços disposicionais, b) preocupações pessoais (*personal concerns*) e c) narrativas de vida³.

O primeiro nível referido é composto por dimensões (os traços) que são, segundo o autor um nível muito importante, no qual se pode encontrar uma impressionante evidência a favor da estabilidade da personalidade. A leitura da personalidade, feita pelo modelo dos cinco factores encaixa-se neste nível. Para McAdams (1994, p.303), “os Cinco Grandes representam as atribuições mais gerais e compreensivas — simples, comparativas, e virtualmente não-condicionais — que poderíamos desejar fazer, quando não sabemos,

² Classicamente, os actores de teatro apresentavam-se com máscaras que denunciavam, expressivamente, as características da figura que era recitada, e falavam através dela. A máscara, nesse sentido, é inalterável e fixa. É este aspecto de permanência com as circunstâncias, ou apesar delas, que adoptou a psicologia clássica, para definir determinadas características identificadoras das atitudes específicas do indivíduo face, a um conjunto muito diferente de situações — a personalidade.

³ Segundo esta proposta, em função do nível da personalidade que tivéssemos em consideração, poderíamos ou não observar mudança na personalidade.

virtualmente, mais nada sobre a pessoa; isto é, quando confrontados com um estranho”. O segundo nível tem a ver com planos, objectivos, estratégias, defesas, projectos, táticas, e investimentos pessoais. Tratar-se-ia de variáveis motivacionais, desenvolvimentistas ou estratégicas. A este nível incluir-se-iam as unidades de nível intermédio (Cantor, 1990). O nível três diz respeito à formação da identidade, enquanto ‘procura de uma narrativa desenvolvimentista’ (“*an evolving narrative quest*”), ou seja, uma tentativa de encontrar unidade e orientação na vida. McAdams (1994, p.306) defende que “se o nível I enfatiza o lado ter da personalidade e o nível II, o fazer, então, o nível III diz respeito à construção do eu” (“*If level I emphasizes the having aspect of personality and level II the doing, then level III concerns the making of the self*”)⁴.

Este modelo a vantagem de oferecer uma visão sinóptica do inteiro domínio da personalidade. Assim, uma definição desta, que se pretendesse abrangente, deveria contemplar os três níveis mencionados. Porém, na prática, seria proibitivo para qualquer investigador estender os seus esforços a uma área tão vasta. Compreende-se, pois, que os estudiosos da personalidade se tenham limitado a explorar aspectos particulares da mesma e que a sua definição do objecto, que analisam, reflecta o interesse específico das suas abordagens.

(Margarida Pedroso de Lima, 1997)

2. Personality Psychology: Havings, Doings, and Beings in Context

Brian R. Little
Carleton University and
Murray Research Center
Radcliffe Institute for Advanced Study
Harvard University
<http://www.personality-project.org/personality.html>

Introduction: Voices in the Cafeteria

Imagine that we are listening in on a conversation between three students in the college cafeteria. Their discussion weaves around many topics but the dominant theme is their common project of applying to graduate school in psychology. Speaking animatedly and downing her

⁴ Segundo o autor referido (1994), a história (as narrativas) da vida não pode ser compreendida através de uma análise da personalidade aos outros níveis.

third cup of coffee, Eve declares that she is only applying to her top three choices and she's looking forward to dragging her boyfriend to Ann Arbor. She suddenly bolts from the group realizing she's late for her stats class. Adam says little, nods often, and is wondering whether he really is grad school material. Besides, his parents want him to go back home after graduation to work in the family business. Nikki isn't really listening at all; she's hung over again, hadn't realized grad application deadlines were coming up, and frankly is fed up with Adam and Eve and the whole human condition. She mumbles something they can't quite hear and heads for the restroom.

If you are sitting in the adjacent booth in the cafeteria, would you linger a bit, intrigued by the differing styles, contrasting concerns, and singular stories you hear emerging in the snatches of conversation? If so, then you probably have a natural affinity for personality psychology. This chapter surveys the past and present state of personality psychology as a core specialty within psychology and examines how it goes about understanding the lives of the Eves, Adams, and Nikkis of this world.

The field of personality psychology is flourishing. In many respects the current buoyancy of the field reflects important shifts, both methodological and conceptual, that have occurred over the past two decades. Some of these changes arose in response to conceptual crises within the field, particularly the Great Trait Debate that occupied much of the field in the seventies. (Mischel's (1968) critique, which launched the debate, and reactions to it are discussed in a later section) .Other shifts reflect the gradual maturing of intellectual agendas that were present at the modern inception of academic personality psychology in the nineteen thirties (Craik, 1986). After sketching very briefly the nature and challenges of the field of personality psychology, I will present a perspective (admittedly an idiosyncratic one) on some of the currently active research programs in the 'new look' in personality psychology.

The Core Project of Personality Psychology: The Integrative Challenge

Within the social and behavioral sciences, personality psychologists have chosen to specialize in comprehensiveness (Little, 1972). As an intellectual field its scope of inquiry is inordinately extensive. Personality psychology seeks to integrate diverse influences on human conduct ranging from the genetic and neurophysiological

underpinnings of traits to the historical contexts within which individual life stories can be rendered coherent. Pervin (1996) has provided a thoughtful definition of personality which, in part, characterizes it as "the complex organization of cognitions, affects, and behaviors that gives direction and pattern (coherence) to the person's life" (p.414). The study of personality seeks to understand how individuals are like all other people, some other people, and no other person (to revise slightly the classic phrase of Kluckhohn & Murray, 1953, p.53). It formulates theories about the nature of human nature, the role of individual differences, and the study of single cases. Personality psychology provides one of the core basic sciences underlying many of the fields of applied psychology, including clinical, counseling, health, and organizational psychology.

Classical Voices and the Conceptual Foundations of Personology

Even a cursory history of the classical theoretical and methodological perspectives in personality psychology exceeds the limits of this chapter, but fortunately two recent reviews provide authoritative and concise accounts of the history of personality psychology (McAdams, 1997; Winter & Barenbaum, 1999). But it will advance the purpose of this chapter if we have some major historical figures in the field, metaphorically descend (or ascend) from their places in posterity to offer their perspective on the cafeteria conversation with which we began this survey. Their role will be like that of the Greek Chorus in classical drama that offered commentary about the ongoing action. (Except that none will speak in Greek and some won't speak, but sing. Or hum.) They will introduce some of the concerns and admonishments of classical personology and provide a bridge to contemporary discourse about the field.

Let us start with a Freudian chorus (perhaps the Vienna Old Boys Choir?). There is little doubt that psychoanalysis has had a profound impact on the intellectual climate of the twentieth century. Many in fact would claim that its impact has been greater in the arts and humanities than in the social and behavioral sciences. In essence the Freudian psychodynamic perspective held that unconscious wishes and the vicissitudes of their expression comprised the core integrative concepts necessary to understand the complexities of both normal and abnormal personality. Thus the reach of psychoanalytic theorizing extended from the clinical couch to the psychopathology of daily life,

from the deepest neuroses to the seeming innocence of typing mistakes. Through the theoretical lenses provided by Freudian theory, Eve's tardiness, Adam's ambivalence, and Nikki's petulance might reflect the subtle operation of unconscious wishes and defenses against them. Such influences would likely be sexual or aggressive at root. A Freudian chorus might choose Nikki as the most obvious case for explication of the possible influences of unconscious and destructive forces in human personality because of the welling up of impulses that compromise her ability to muddle through this particular Monday. But they would also have comments to make about why Eve is late only for her stats class and why Adam has never fully been able to break away from the Edenic security of his home.

The Personological Chorus would feature Henry Murray with counterpoint commentary by Gordon Allport, both of whom would be draped in Harvard Crimson. Like Freud, Murray would insist that the motivation of the students would run deep. Rather than focusing exclusively upon sex and aggression, he would insist that there are diverse needs that underlie human motivation, such as the need for affiliation or need for achievement. He would voice concern that the environments within which human motives play out should also receive our attention, and that for each need operating in personality there is a corresponding "press" in the environment that can facilitate or frustrate its achievement. Finally, Murray would be concerned that we expand the time line to look at "serials"--the sequences of action that extend over longer periods of time and without which the significant motivational agendas of people's lives may be given shorter shrift than they deserve.

Allport would generally concur, but would suggest that traits are the substantively real and dynamic sources of human personality and that both the nature and organization of such dispositions are patterned idiosyncratically. He would also argue that although pursuits may originally be undertaken for one set of motives, they may eventually become independent or "functionally autonomous" of the originating motivation.

For these personologists, the ways in which the three students are approaching their last weeks as undergraduates may reflect different patterns of needs and the ways in which the environments are fulfilling or frustrating the achievement of the needs. Eve may be primarily concerned with a need for power, and her seeking admission only to the elite schools may help her to develop influential connections. This

would contrast with her classmates, high in achievement motivation, who may apply to a greater range of schools to optimize likely success. (See Winter (1996) for an excellent description of need research in the tradition of Murray and his followers such as McClelland). Adam may have a strong need for self-abasement--a need his parents are only too happy to satisfy when he broaches the topic of heading off for grad school. Nikki might be particularly intriguing to the personologists. Not satisfied to dismiss her behavior simply as aggressive or neurotic, they may see her as a complex person--perhaps a highly creative personality whose needs are being systematically frustrated by environmental press that keeps her from exploring ideas that she and others find strange and disturbing.

We might hear next from the Behaviorist Chorus comprising the early learning theorists and joined by those such as Dollard and Miller who attempted to translate psychodynamic theory into behaviorist principles and of course Skinner whose clear voice of confidence about the power of operant conditioning would likely drown out the rest of the Chorus. The behavioral analytic units would be stimulus-response bonds that would allow an integration not only of human personality but the behavior of all organisms. This perspective placed considerable emphasis upon the shaping of personality by environmental contingencies, particularly by the rewards and punishments that reinforced behavior. For the behaviorists, the differences between our three students, Eve's ascendancy, Adam's diffidence, and Nikki's emotionality (and drinking problems), arise from differences in their reinforcement histories and the commonalities arise from their desire to avoid painful stimulation and seek out rewards.

A third distinctive voice can be heard in the cafeteria: that of George Kelly. At the same time as behavioral theories were in ascendancy in psychology, Kelly proposed an original and audacious theory. His integrative mission was to weave theoretical, assessment, and clinical concerns into a seamless model of human personality. Kelly postulated that to understand individuals was to understand the personal constructs through which they viewed their worlds. Kelly saw each of us as a "lay" scientist--testing out hypotheses about ourselves and our worlds and revising those hypotheses (constructs) in the light of experience. These personal constructs are organized into systems such that some of them become core role constructs, centrally important to the lives of individuals. Their preservation and continued validation have a profound effect on emotional experience. For example,

according to Kellian theory, threat is awareness of an imminent and comprehensive change in one's construct system. Guilt is awareness of being dislodged from one's core constructs, aggression is the expansion of core constructs to subsume new domains, and hostility is the attempt to extort validation for a construct one already feels has been invalidated (Kelly, 1955). So how would the Kellian Chorus in the cafeteria (more likely an Irish tenor solo) attempt to understand our three students? Kelly would likely see all three students as feeling threat at the prospect of being in transition between undergraduate life and their futures. Adam may feel guilt in that he is being dislodged from a core construct of being loyal to his family. Eve may be aggressively pursuing confirmation of her construct of herself as successful. Nikki, we can now disclose, has experienced a series of abusive relationships. She may have experienced what Kellians refer to as serial invalidation of her core constructs, in which each attempt to anticipate her world is painfully disconfirmed. Her only strategy left is to attempt to extort validation of her worth by acting abrasively toward those who have failed to notice her pain. For Nikki, only a worthy person has the temerity to tell her friends to "piss off". Or so she tells herself.

These classic voices from personality psychology each approach the integrative task by developing overarching theories of considerable scope, though each selectively highlights a particular aspect of human conduct as its integrative center. Thus classical psychodynamic theory is primarily concerned with emotional experience, learning theory with overt behavioral processes, and Kellian theory with the cognitive systems through which personality unfolds. Yet each extends the range of its theoretical constructs to include phenomena that are of more focal concern for alternative perspectives. Indeed, within psychodynamic theory, a major historical progression involved a shift from emphasis upon unconscious motivation, to a conflict free domain in which conscious goal pursuit could be carried out without being subordinated to the pressures of irrational impulses and wishes. Thus, psychodynamic theory was able to push its conceptual agenda into an area that would be regarded as more the domain of cognitive psychology. Similarly, learning theorists over the century have moved from drive-reduction and peripheralist theories to cognitive social learning theories (e.g., Bandura, Mischel), in which the influence on human action has shifted from classical and operant conditioning, or rewards and punishments to more cognitive concerns, such as schemata, encoding skills etc. (e.g., Mischel, 1990).

3. Abordagens à pessoa:

— Mistérios intrapsíquicos

Freud; Karen Horney; Erich Fromm; Heinz Kohut; Ann Freud; Bion; psicologia do eu..

— Episódios interactivos

teoria dos traços; situacionismo; interaccionismo

— Estruturas interpretativas

psicologia dos constructos pessoais de Kelly; psicologia humanista de Maslow; esquemas e guiões

— Histórias interpessoais

sistema personológico de Henry Murray; teoria psicossocial do desenvolvimento de Erik Erikson; psicologia individual de Alfred Adler; histórias de vida narrativas

(McAdams, 1994)

4. História da Psicologia da Personalidade

Hall e Lindsey (1984)⁵, a título de exemplo, consideram como fontes influenciadoras das teorias da personalidade a análise desta, a partir das observações clínicas (tradição iniciada com Charcot, Janet e McDougall); a tradição gestáltica e William Stern; a psicologia experimental, em geral, e a psicologia da aprendizagem, em particular e a tradição psicométrica. Outras influências menores seriam a genética, o positivismo lógico e a antropologia social.

Porém, o estudo da personalidade, como uma nova área da psicologia, emerge, nos anos 30. Desde então, e até à última década deste século, a psicologia da personalidade passou por fases de grande desenvolvimento mas, também, de muita crise.

A publicação do livro de Allport, que introduziu o estudo científico da personalidade nos EUA, e o facto de Murray dar o nome de ‘*personology*’ à nova ciência, a ciência da pessoa, tornaram visível o aparecimento da psicologia da personalidade. Segundo Buss e Cantor (1989, p.2), “o livro de Allport – *Personality: A Psychological Interpretation* (1937) – e o de Murray – *Explorations in Personality* (1938) – foram muito fecundos,

⁵ Outros, como Morea (1990), de uma forma mais redutora, atribuem a Freud a paternidade das teorias científicas da personalidade.

visto lançarem os tópicos para as investigações no domínio da personalidade nas décadas vindouras”. De acordo com Pervin (1990, p. 5), “estes dois autores realçaram a ideia de que o sujeito é uma totalidade”, concepção que, embora tenha sido por vezes secundarizada, se mantém actual nos anos 90. Nomeadamente, Allport (1937) rejeitou o elementarismo e a preocupação dominante com as partes, em detrimento da organização do sistema. A sua concepção de traços sugere que estes iniciam e guiam o comportamento e que os motivos têm sentido, enquanto orientados para um objectivo e não como forças inatas e cegas. Murray (1938) realçou, igualmente, o todo, a sua dinâmica e a inter-relação do sujeito com o mundo. Efectivamente, os anos 40 e 50 foram marcados por investigadores talentosos, que tentaram levar a cabo uma ‘agenda’ muito sobrecarregada – a teorização e a investigação, em torno das duas unidades básicas propostas por Allport e Murray para o estudo da personalidade: os traços e os motivos.

É nesta altura que surge o manual de Hall e Lindzey (1957), que muito contribuiu para estabelecer o estudo da personalidade como uma área fundamental no domínio da psicologia. Segundo Palenzuela e Barros (1993, p.9), a “este período de esplendor seguiu-se uma crise profunda, no início dos anos 60, cujo principal responsável foi Walter Mischel, com a publicação do seu famoso livro ‘Personalidade e Avaliação’ (*Personality and Assessment*), em 1968”. Durante esta época, os pressupostos fundamentais do domínio foram questionados e apontadas as limitações da predictibilidade e consistência de uma das unidades fundamentais de análise da personalidade – os traços. As grandes críticas ao conceito de traço e à noção implícita nestes (a de consistência) foram levadas a cabo pelos situacionistas (dentre os quais se salienta Mischel, já referido) e pela psicologia humanista (anos 60; *e.g.*, Rogers, Maslow, May) – ao defenderem a crença filosófica na capacidade praticamente ilimitada de mudança e crescimento pessoal – e pelas teorias dos estádios do desenvolvimento da personalidade durante a vida adulta (*e.g.*, Neugarten; Erikson) que postulam estádios, qualitativamente diferentes, que os sujeitos atravessam ao longo do seu ciclo de vida (Wrightsmann, 1988). Os anos subsequentes à publicação do livro de Mischel (década de 70 e o início da de 80) foram marcados por este debate interno entre os que defendiam sobretudo o paradigma básico (as predisposições) e, aqueles, que sublinhavam os factores da situação como determinantes do comportamento (*e.g.*, Alker, 1972; Bem, 1972; Carlson, 1971; Harré & Secord, 1972; Watchel, 1973). Este debate entre os defensores dos traços e os situacionistas deu lugar a uma série de “conferências de paz” no campo da personalidade, orientadas numa perspectiva interaccionista. Assim, 1973 foi um ano significativo, dado os numerosos encontros e publicações defendendo o interaccionismo na psicologia da personalidade. Um destes trabalhos foi o do próprio Mischel (1973) que, para além de defender a posição interaccionista, fez emergir aquilo que pode ser considerada uma nova era na psicologia da personalidade, em que os traços e os motivos, enquanto unidades de análise predominantes, perderam relevância, a favor das cognições (propostas por Endler e Magnusson, em 1976, como as novas variáveis da personalidade), outro tanto se passando com a abordagem disposicional, relativamente à perspectiva da aprendizagem cognitivo-social e aos pressupostos interaccionistas.

Assim, da mesma forma que o trabalho de Allport e Murray, nos anos 30, influenciou fortemente a orientação tomada pela psicologia da personalidade, nas duas décadas

seguintes, a obra de Mischel esteve na base dos novos desenvolvimentos ocorridos nos anos 80, no sentido da sua orientação cognitivo-motivacional. Estes novos desenvolvimentos traduziram-se pelo que Buss e Cantor (1989, p.1) designaram por “novas unidades de análise de nível médio ou intermédio” (*middle-level units of analysis*) e pelo que Pervin (1990, p.6) refere ser as “novas unidades de análise; novas formas de coerência da personalidade; e novos métodos de avaliação”.

Mas, para além do aparecimento destas novas unidades, em 1983, alguns autores chamaram a atenção para a necessidade de integração dos conhecimentos no domínio da personalidade, ou seja, para a urgência em elaborar uma teoria compreensiva da personalidade (*e.g.*, Endler, 1983; Kenrick & Dantchik, 1983; Mischel & Peake, 1983b). Tal parece ser, para muitos investigadores (Magnusson, 1990; Pervin, 1990; Sarason, 1991), o foco de atenção e preocupação, no princípio da presente década. Efectivamente, muito embora se tenha intensificado a procura de elementos ou unidades básicas para o estudo da personalidade (Allport, 1958; Wallace, 1967), os traços voltaram a ser, juntamente com os motivos e as cognições, os constructos mais estudados. Mas, como salientou Cervone (1991), tais elementos nunca formaram um campo de investigação unificado, mas duas áreas científicas independentes: uma, polarizada em torno das unidades traço/disposição e, outra, das unidades cognitivo-intencionais (*purposive-cognitive*) e sócio/cognitivas. Esta divisão corresponde também, segundo Palenzuela e Barros (1993, p.11), “às partes ter (*having*) e fazer (*doing*) da personalidade, referidas por Allport, e, recentemente, evidenciadas por outros personologistas (*e. g.*, Cantor, 1990; Mischel, 1990)”.

Ora, estas duas abordagens, não só utilizam estratégias diferentes, como também evidenciaram diferentes aspectos do funcionamento da personalidade. As abordagens baseadas nos traços e motivos centraram a atenção nos aspectos estáveis e estruturais da personalidade. Embora tenham sido diferentes o número e o tipo de traços propostos, parece que nos últimos anos um certo consenso foi atingido, como veremos, através do modelo dos cinco factores (John, 1990). As abordagens baseadas nas cognições têm-se preocupado, essencialmente, com os processos de funcionamento da personalidade, com a forma como os sujeitos interpretam e dão significado aos acontecimentos e como planificam e regulam o seu comportamento – aquilo que Bandura (1982, 1986) designou por mecanismos de auto-gestão (*self* ou *human agency*).

Assim, para autores como Pervin (1990), depois da crise dos anos 60 e 70, o domínio da personalidade, no decorrer dos anos 80, parece ter retomado a sua vitalidade. Neste momento da sua trajectória, a psicologia da personalidade pode considerar-se um mundo de potencialidades derivadas das abordagens sócio-cognitivas, da dos traços/disposições e doutras, de natureza diferente destas duas (Cervone, 1991). Caracteriza-se, consequentemente, de acordo com Pervin (1990), por abordar uma grande diversidade de fenómenos e aspectos, reflectindo, a complexidade do funcionamento da personalidade. mas teria também chegado o momento de reactivar a antiga aspiração de Murray de constituir uma ciência da personalidade, a ‘*personology*’.